

## APRESENTAÇÃO – DOSSIÊ TRADUÇÃO LITERÁRIA

Carolina PAGANINE <sup>1</sup>  
Emilie AUDIGIER <sup>2</sup>

Já é quase lugar comum, ainda bem, dizer que a tradução é um campo de estudos interdisciplinar, aberto às mais variadas possibilidades de pesquisa e de trocas intelectuais. Dizemos “ainda bem” porque nem sempre a sociedade e a academia viram a tradução dessa maneira, apesar de a interdisciplinaridade estar em sua natureza mesma desde São Jerônimo que, para traduzir a Bíblia, uniu a teologia sobre a interpretação dos textos sagrados a uma formulação linguística em que se podia separar a letra do sentido, pensamento que haveria de perdurar e ser o centro de discussões por séculos.

Até os anos 1980, os estudos sobre tradução ora se concentravam nos departamentos de Literatura Comparada, ora nos de Linguística Aplicada, enquanto que hoje já temos departamentos e programas de pós-graduação próprios, revistas especializadas e uma abundância de livros inteiramente dedicados aos mais diversos aspectos de estudos na área, mas todos marcados pela interdisciplinaridade e pelo diálogo com outros campos do saber, seja com os mais próximos como a Literatura e a Linguística, seja com a Antropologia e os Estudos Culturais. Nesse mar de possibilidades, este dossiê é dedicado a um caminho bastante explorado — a tradução literária —, mas que, por causa de seus muitos modos e métodos de navegação, tem ainda muitas rotas para singrar.

Não por acaso escolhemos usar a imagem da navegação para falar deste dossiê, que procura oferecer novos percursos para olhar e pensar a tradução. Como se sabe, a tradução é constantemente definida por meio de metáforas que ilustram o fazer tradutório ao compará-lo com outras situações e atividades da vida, podendo influenciar a visão que se tem do processo tradutório, do papel e do status do tradutor, além de introduzir conceitos como fidelidade e liberdade<sup>3</sup>. Muitas delas podem ser pejorativas — logo nos vem à mente “las belles infidèles” — e podem não fazer nada mais do que

---

<sup>1</sup> Carolina Paganine é doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina, professora adjunto II de Teorias da Tradução na Universidade Federal Fluminense e tradutora do inglês.

<sup>2</sup> Émilie Audigier é doutora em Letras neolatinas (UFRJ/Université de Provence), pós-doutora da Pós-graduação em Estudos da Tradução (UFSC), bolsista PNPd no PosTrad (UnB).

<sup>3</sup> Cf. ST. ANDRÉ, James. “Translation and metaphor: setting the terms”. p. 6. In: *Thinking through translation with metaphors*. James St. André (ed.). Manchester: St. Jerome Publishing, 2010.

encerrar o assunto, pois são consideradas por si mesmas suficientes para a argumentação. Outras, como as várias imagens poéticas que pontuam os textos deste número, trazem um ponto de vista diverso sobre o processo tradutório e contribuem para o desenvolvimento de uma teorização e uma prática que se manifestam atuais.

Assim, a primeira das rotas, neste dossiê, é aquela representada pela reflexão sobre a tradução de textos chamados “pós-coloniais” e que é percorrida, neste número pelo relato do tradutor Jethro Soutar sobre sua experiência de traduzir um romance da Guiné Equatorial. Soutar nos fala tanto do movimento geopolítico de um tradutor que, na busca por seu lugar ao sol, procura na literatura às margens dos grandes centros ocidentais seu objeto de trabalho, quanto da empreitada que é traduzir um romance plurilíngue, tendo que “encontrar uma embocadura para contar [uma] história”. Essa imagem, retirada da obra de Chinua Achebe, é emblemática do conjunto de questões que surgem na transposição de uma linguagem literária que, por si mesma, já se configura como uma tradução (de uma língua nativa para a língua do colonizador) e como um *locus* em potencial de conflitos e lutas de poder. De modo interessante, o percurso tradutório, para Soutar, passa pela leitura de romances produzidos em contextos similares, como os da literatura nigeriana.

Este dossiê segue “comendo pelas beiradas” do centro da literatura ocidental e chega ao fazer poético de duas poetisas, uma russa e outra polonesa, por meio do artigo de Olga Kempinska que traduz e comenta dois poemas de Natalia Gorbanévskaja e Julia Hartwig sobre fazer poético e tradução. Também estes poemas trabalham de modo metafórico a relação das tradutoras com os poetas traduzidos e com a língua própria. Para Kempinska, os poemas reveem o gesto da tradução por meio de um jogo amoroso e de um “translado (ou transtorno)”, respectivamente, mas ambos subvertendo as imagens tradicionais de apropriação e anexação a favor do prazer, do reconhecimento, do encontro, da identificação e do diálogo entre os poetas, as línguas e as culturas.

Os artigos de Ricardo Meirelles e de Thiago Mattos e Álvaro Faleiros ocupam o centro, literal e figurativamente, deste dossiê, na medida em que se voltam para as refrações, no Brasil, da obra de Charles Baudelaire, autor francês considerado o inaugurador da modernidade na literatura e que influenciou os rumos da poesia em todo o mundo ocidental. Em “*Les Fleurs du Mal* Avant *As Flores do Mal*: deux moments”, Meirelles discute duas fases de recepção da obra máxima do autor francês, anteriores à primeira tradução integral do livro publicada em 1958: a primeira englobaria os “primeiros baudelairianos” que traduziram poemas de *Les Fleurs du Mal* ainda no século XIX, entre os quais o autor destaca o tradutor Tófilo Dias, e uma segunda fase marcada pelo início do século XX, que é representada pelo percurso do tradutor Félix Pacheco. Já o artigo de Thiago Mattos e Álvaro Faleiros se concentra na recepção brasileira de *Mon cœur mis à nu*, obra de Baudelaire considerada menor até os anos 1960 quando, segundo os autores, foi revista segundo a perspectiva de uma “poética dos rascunhos”. A partir disso, somos convidados a percorrer as quatro traduções publicadas entre 1961 e 2013, dirigindo nosso olhar para a categorização problemática da obra, seja em diários

ou em rascunhos poéticos, e para como isso influencia o modo de ler e traduzir um texto.

A rota seguinte neste dossiê sobre tradução literária nos leva a três instigantes textos de tradução comentada, isto é, textos em que os tradutores refletem sobre seu próprio exercício de tradução à medida que os apresentam. Ana Isabel Borges nos traz traduções de quatro poemas do mexicano José Gorostiza, todos os quais atravessados pela imagem da água e do mar. São poemas “simples”, como a autora os classifica, mas cuja simplicidade é desconstruída no movimento de tradução entre línguas próximas como o espanhol e o português, um movimento num espaço de fronteiras esmaecidas e de classificações imprecisas – “é água, é areia”? – que por vezes se confundem e resistem à interpretação, como a “beira do mar” descrita por Gorostiza na tradução de Ana Isabel Borges.

O tema do mar é também o foco dos poemas traduzidos por Beethoven Alvarez, agora partindo de uma língua ao mesmo tempo próxima e distante: o latim. Na sua seleção, Alvarez escolheu duas odes de Horácio que se valem da metáfora do naufrágio e dos perigos do mar para tratar, numa de suas possíveis interpretações, do amor. O trabalho do tradutor prioriza a recriação poética da métrica e do material fonético e, nessa empreitada, se vale das próprias imagens de perigo e naufrágio que traduz para comentar os desafios de navegar por esse mar bravio que é a tradução de poesia latina.

No último texto dessa rota, Jório Cunha e Emilie Audigier comentam o processo de tradução de um conto do escritor contemporâneo, Sébastien Lapaque. O texto de Lapaque, repleto de simbologias do mundo grego e referências à capital francesa, é o mote para discutir questões às vezes tidas como menores, como a tradução de antropônimos e topônimos, e sugerir opções talvez menos convencionais, mas coerentes e embasadas numa proposta de diálogo com outra obra centrada em Paris escrita por um estrangeiro – *A Moveable Feast* de Ernest Hemingway. O conto “Le profil d'Ariane”, até agora inédito em português, é apresentado ao final deste número na tradução de Jório Cunha, seguida do texto em francês, de modo que os leitores possam não só acompanhar a proposta teórica desenvolvida pelos autores no artigo, mas também conhecer uma pequena amostra deste representante da literatura francesa contemporânea.

Para completar este dossiê sobre tradução literária, apresentamos uma entrevista em formato bilíngue, pensada e traduzida por Emilie Audigier, com o poeta, tradutor e antologista franco-brasileiro Max de Carvalho. Por meio das perguntas e instigações de Audigier, Carvalho comenta o seu famoso e reconhecido trabalho, *La poésie du Brésil*, uma antologia de mais de mil páginas de poesia brasileira, em que estão representados 134 poetas do período do pré-descobrimento até o início do século XX. Mas a entrevista e as respostas de Carvalho vão além e se tornam o motivo para uma conversa sobre tradução poética, sobre os caminhos possíveis e menos percorridos para a feitura de uma antologia, sobre a história recente do Brasil e a recepção da literatura brasileira na

França. Isto é, todos esses assuntos que fazem da tradução uma área tão aberta e plural que comprovam, mais uma vez, sua vocação para a interdisciplinaridade.